

ENSINAR E APRENDER SOBRE A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: A RESISTÊNCIA DOS CONHECIMENTOS COTIDIANOS DIANTE DOS CONHECIMENTOS ESCOLARES

Adriana Rodrigues da Silva¹ - UCDB

Conhecer os fatos históricos e construir um conhecimento histórico próprio na escola se faz necessário para que o estudante se perceba como sujeito que é produto, ao mesmo tempo em que também produz e quiçá transforma a realidade social em que vive. Mas para que os alunos sejam capazes de construir esse conhecimento no processo ensino-aprendizagem torna-se primordial para o professor compreender que “o aluno já sabe” pois é a partir do que já conhece que o aluno vai procurar compreender novas situações. Como bem elucida Ausubel² ao propor sua Teoria da Aprendizagem Significativa “... o fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe; descubra isso e ensine-o de acordo”³.

Nesse sentido acreditamos existir uma estreita relação entre a teoria proposta por Ausubel⁴ e os estudos de Vygotsky⁵, “o que o aluno já sabe” pode ser expresso pelas duas classes do pensamento verbal: **os conceitos cotidianos e os conceitos verdadeiros ou científicos**. Ambos mantêm uma relação de coexistência e influem-se mutuamente, embora em alguns momentos uns sirvam de estrutura para os outros. Os **conceitos cotidianos** são formados por meio da atividade prática do indivíduo e na interação social por essa razão são baseados em dados empíricos. A principal característica dos **conceitos científicos ou verdadeiros** é que eles implicam uma relação de generalizações, que são hierarquizadas e inter-relacionadas, uma relação de palavras, conceitos e significados. Já

Os conceitos cotidianos dizem respeito às relações das palavras com os objetos a que se referem; os científicos, às relações das palavras com outras palavras. Daí porque os primeiros implicam focalizar a atenção no objeto e os segundos no próprio ato de pensar, na medida em que as conexões entre conceitos são relações de generalidade⁶.

Ainda sobre os **conceitos científicos** Vygotsky⁷ afirma que na maioria das vezes eles são adquiridos na escola por meio do ensino formal. Nesse sentido “a troca de significados” entre professores e alunos poderia ser compreendida como o encontro entre os co-

nhcimentos cotidianos dos alunos e os conhecimentos científicos ensinado pelos professores.

Não que o conhecimento da ciência vá substituir o conhecimento cotidiano do aluno, por ser mais válido e verdadeiro, ele será um componente que vai incrementar o que cotidianamente já era conhecido pelo aluno de modo que ele agora possa interpretar a realidade em que vive com elementos da ciência e de seu conhecimento cotidiano, por meio de uma cultura científica escolar (Arnay⁸). Especialmente nesta disciplina que como propõe os deveria ser uma importante aliada na construção da identidade dos alunos enquanto como cidadãos brasileiros além de oferecer elementos para que estes interpretem de forma crítica a realidade na qual estão inseridos.

Assim objetivamos evidenciar nesta pesquisa como os alunos entrevistados, por meio de uma prova clínica, conseguiam explicar a Independência do Brasil. Em nossas indagações procuramos evidenciar os atributos básicos deste conceito, ou seja, o que significou a independência do Brasil naquele espaço e tempo histórico, pretendíamos dessa forma levantar se estes alunos conseguiam descrever o que significou para o Brasil ser um país independente, e quais as mudanças ou permanências puderam ser percebidas após a Proclamação da Independência.

Para atingir estes objetivos entrevistamos dez alunos escolhidos aleatoriamente, cinco deles cursando a quarta série do ensino fundamental e outros cinco a oitava série do ensino fundamental, ambos da rede pública de ensino, o único critério era que estes estudantes tivessem em algum momento da vida escolar estudado sobre a Independência do Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vygotsky⁹ atribui fundamental importância à linguagem no processo de desenvolvimento da cognição humana, esta troca de significados que ocorre entre os grupos sociais é segundo ele indispensável para o desenvolvimento do pensamento.

Moreira¹⁰ afirma que nesse ponto há muito sentido em falar de aprendizagem significativa numa perspectiva vygotskyana, em sua opinião os significados que os sujeitos atribu-

em às novas informações requerem uma troca de significados, uma “negociação” de significados, tipicamente vygotskyana¹¹.

Diante destas afirmações propusemos a primeira pergunta aos sujeitos: “O que é ser independente?” Pois gostaríamos de identificar qual o significado atribuído a por eles a esta palavra e como havia acontecido esta troca entre os significados de um lado os conceitos espontâneos ou cotidianos dos alunos e de outro os conceitos da escola ao longo do ensino fundamental. Pretendíamos ainda identificar se os entrevistados conseguiam conceituar uma pessoa independente e um país independente e se atribuíam diferenças conceituais para um e outro, pois uma vez que estávamos trabalhando com o conceito de Independência do Brasil, esta seria o primeiro atributo do conceito a ser elucidado pelos os alunos.

Ao fazer a primeira pergunta: O que é ser independente, todos os dez entrevistados começaram respondendo o que significa para uma pessoa ser independente como podemos constatar na Tabela 1.

Tabela 1 – O que significa ser independente (pessoa)

	4 ^a	8 ^a	Total
Não depender/ precisar financeiramente de alguém	3	3	6
Ser bom	1	0	1
Ter liberdade para tomar suas decisões	0	2	2
Ser vítima de preconceito	1	0	1
TOTAL	5	5	10

Nos argumentos dos sujeitos se destaca o critério não dependência econômica, a seguir a liberdade para tomar suas próprias decisões. Existem ainda dois argumentos que demonstram que o significado da palavra independência pode estar comprometido, pois para um dos alunos independência é sinônimo de bondade e para outro é o mesmo que preconceito.

Porém apenas seis sujeitos foram capazes de explicar o que é ser um país independente, destes dois alunos eram da quarta série e quatro da oitava. Este resultado nos levou a pensar que esta diferença de resultados poderia ser reflexo do contato dos alunos com o conhecimento escolar.

Tabela 1a – O que significa ser independente (país)

	4 ^a	8 ^a	TOTAL
--	----------------	----------------	-------

Extensão de critérios	Não precisar de ajudas financeiras de outros países	2	3	5
Critérios Novos	Exportar	0	1	1
	Gerar riquezas que fiquem no país	1	1	2
	Não ser Colônia	0	1	1
TOTAL		3	6	9

Nos argumentos para país independente é clara a extensão de um dos critérios (não dependência financeira) que estava sendo para pessoa independente, na maior parte dos argumentos consta que país independente é aquele que não precisa de ajuda financeira de outro país. Mas os sujeitos apresentam novos critérios, com frequência maior em alunos da oitava série, como gerar riquezas que fiquem no país, não ser colônia e exportar.

Estes resultados nos levam a refletir sobre esta troca de significados entre conhecimento escolar e conhecimento cotidiano dos alunos, ou seja, o que significa na vida cotidiana das pessoas ser independente, conhecimento prévio dos alunos, e o que significou/ significa ser independente para o Brasil ou para outro país ser independente naquele momento histórico, conhecimento escolar, o que detectamos é que a maior parte dos alunos mantém seus critérios cotidianos ou simplesmente não responde a questão e mesmo os que citam novos critérios os apresentam em alguns casos pontuais ou acompanhados do argumento não dependência de outros países, o que pode ser evidenciado nos depoimentos a seguir:

Independente para mim é não ficar dependendo dos outros para comprar roupas, sapatos...Para um país? Não depender do outro país de pedir coisa emprestada para o outro país, e o que gera aqui não ir pra lá também... Como assim... Gerar alguma coisa aqui e ir para outro país. (S7 – 4a série)

Pra mim, ser independente é você fazer a sua vida e cuidar dela bem, não depender mais dos seus pais ou de alguém que fique te auxiliando, você saber perguntar, você saber fazer as coisas que seus pais ensinaram. Morar fora de casa...Para um país? Não precisar contar com a ajuda de outros países, sua economia ser forte o bastante para você ser independente de outros países, não ter ajuda financeira de outros países. (S5 – 8a série)

Ao meu ver os argumentos podem ser sintetizados da seguinte forma: independente é o contrário de dependente – logo quem depende de alguma forma de alguém ou de algum país não pode ser considerado independente. Na lógica dos entrevistados não há sentido falar em Independência do Brasil, já que de acordo com seus critérios de independência, o Brasil não é um país independente já que o mesmo precisa financeiramente de outros países. O que pode ser confirmado na questão: **Você acha que o Brasil depois da indepen-**

dência não dependeu de mais nenhum país? Dos alunos que a responderam (sete), apenas um disse que o Brasil depois da proclamação se tornou independente, os demais todos consideram que o Brasil continua sendo um país dependente.

Ao refletirmos sobre o processo ensino aprendizagem na disciplina de história consideramos ser essencial para o professor conhecer quais são os conhecimentos cotidianos dos alunos, pois será a partir deles que eles vão buscar entender o conhecimento proposto pela escola. Ao se ensinar sobre a Independência do Brasil há que se pensar em formas que possibilitem ao aluno a diferenciação, uma vez que ser um país independente é diferente de ser uma pessoa independente, e que se o se a independência política do Brasil foi proclamada em 1822 a independência econômica ainda não foi completamente conquistada até os dias atuais, e em segundo lugar que se pensarmos na ordem econômica mundial todos os países dependem uns dos outros em maior ou menor grau, por exemplo, porque precisam de mercado consumidor para suas exportações. Ou seja, a independência econômica pode ser um fator, mas não o único que determina a Independência de um país.

É importante possibilitar aos alunos elementos que o permitam identificar o que significou ao longo dos anos, ou em determinados momentos históricos, ser um país ou uma pessoa independente? Pois como afirmam Carretero e Limón¹²

os conceitos históricos são “mutantes” e esta característica temporal dos significados se torna muito complexa para o entendimento dos alunos, assim “o que parece mais adequado para evitar *misconceptions* e conceitos semicorretos e fragmentos, seria “ancorar” os novos conceitos naqueles que o aluno já conhece e domina”¹³.

Na tentativa de uma maior aproximação da compreensão dos alunos sobre a Independência do Brasil os questionamos sobre se houveram e quais foram as mudanças na vida das pessoas após a Independência. Para a maioria dos alunos entrevistados a independência trouxe mudanças para a vida das pessoas, apenas dois deles acreditam que a vida das pessoas continuou a mesma e ainda um aluno não respondeu. O que pode ser detectado na Tabela 2.

Tabela 2 – Houve mudanças na vida das pessoas após a Independência?

	4ª	8ª	TOTAL
Houve mudanças na vida das pessoas após a independência	4	3	7

Não houve mudanças na vida das pessoas após a independência	0	2	2
Não sabe/ Não respondeu	1	0	1
TOTAL	5	5	10

Ao argumentarem sobre quais as mudanças foram desencadeadas pela independência (Tabela 2a) os sujeitos afirmam que ela acarretou melhores condições de vida para a população, afirmam ainda que foi o fim da escravidão dos índios e dos negros, que os impostos foram menores porque agora eram pagos direto no Brasil em outros argumentos os entrevistados dizem que os portugueses foram embora e os índios sumiram depois da independência.

Tabela 2a – O que mudou na vida das pessoas após a Independência

		4ª	8ª	TOTAL
Houve mudanças na vida das pessoas após a independência	Índios ou portugueses deixaram de existir, ou porque mudaram, morreram ou simplesmente sumiram	1	1	2
	Fim da escravidão dos negros	2	0	2
	Melhores condições de vida/ Empregos	0	2	2
	Diminuição dos impostos – pagos direto ao Brasil	0	1	1
	Fim da escravidão dos índios	1	0	1
TOTAL				

Com relação às mudanças sociais que ocorreram após a proclamação da independência os argumentos dos alunos, independente da série, demonstram um certo “presentismo” como afirma Carretero¹⁴, ou seja, eles compreendem a independência de acordo com seus valores que são resultado do momento histórico atual e não daquele período da história, para eles a independência do Brasil trouxe benefícios para a vida de todos os habitantes do país, em sua opinião a independência do Brasil deve necessariamente significar a independência dos brasileiros. Mas do ponto de vista deste fato histórico a independência não mudou substancialmente a organização econômica e social do país, permaneceu a escravidão e os grandes proprietários continuaram com suas terras.

Esta situação deve ser constantemente pensada pelos professores desta disciplina, pois a todo o momento os alunos se chocam com informações de fatos históricos que normalmente contradizem suas formas de pensar, se como afirma Pozo¹⁵ aprendemos a partir do que sabemos, ou nas palavras de Ausubel¹⁶ são a partir de nossos subsunçores que en-

xergamos e apreendemos o mundo e também os conhecimentos escolares não basta em uma aula expositiva dizer que a independência não mudou a vida das pessoas, certamente os alunos devem ter ouvido isto, não se trata também de descartar o valor da narrativa no ensino desta disciplina, mas se a nova informação não for potencialmente significativa ou se o desequilíbrio gerado pelo novo conceito for maior do que a estrutura cognitiva dos alunos o que irá permanecer serão os conceitos cotidianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender e ensinar História não se resume a decorar datas, fatos e heróis, nem tampouco é mais fácil que ensinar matemática, por exemplo, os conhecimentos propostos por esta ciência são de uma complexidade peculiar que exige um nível de abstração que outras ciências não exigem. O que podemos concluir a partir da nossa pesquisa é que identificar e compreender os conhecimentos prévios dos alunos adquire uma importância fundamental no ensino da história como disciplina escolar, pois é por meio deles que os alunos tomam contato e formam os conceitos ensinados e a resistência à transformação é tão grande que sem um ensino que vise à aprendizagem significativa esta tarefa estará fadada ao fracasso.

Também é de extrema importância refletir e pesquisar, já que as pesquisas nesta área são escassas, sobre como a natureza dos conhecimentos históricos mantém contato com a estrutura cognitiva do aluno e da complexidade deste encontro. Em nosso estudo pudemos compreender que um assunto que poderia ser encarado como trivial como a Independência do Brasil envolvem diversos outros conceitos cotidianos dos alunos, como o que significa para as pessoas no nível do senso comum ser independente, e tantas outras contradições que tornam muito complexa a sua compreensão. Para tentar entender a independência do Brasil os alunos se valem de seus conhecimentos cotidianos sobre o que é ser independente acredito estar aí o ponto-chave para que se ensine de forma a garantir uma aprendizagem significativa deste conceito.

O que pudemos perceber é que o conhecimento da escola não conseguiu transformar ou ao menos incrementar o conhecimento cotidiano do aluno o que aponta a urgência de se repensar a relação ensino aprendizagem que vem sendo privilegiada em nossas esco-

las, bem como a formação inicial e continuada dos professores para ensinar a disciplina de História.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, bolsista CAPES/PROSUP/PAPED.

² MOREIRA, M.A. A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel. In: Moreira, M.A. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

³ Ibid p. 163.

⁴ Ibid.

⁵ VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

⁶ TUNES, E. Os conceitos científicos e o desenvolvimento do pensamento verbal. **Caderno Cedes**, ano XX, nº 35, julho 2000. p.36-49.

⁷ Op. Cit.

⁸ Arnay, J. Reflexões para um debate sobre a construção do conhecimento na escola: rumo a uma cultura científica. In: Rodrigo, M. J. e Arnay, J. **Conhecimento cotidiano, escolar e científico: representação e mudança**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

⁹ Op. Cit.

¹⁰ MOREIRA, M.A. Aprendizagem Significativa: um conceito subjacente. **Actas** Encuentro internacional sobre el aprendizaje significativo. Burgos, Espanha, 1997, p. 17-44.

¹¹ Ibid. p.27.

¹² CARRETERO, M. e LIMÓN, M. Construção do conhecimento das ciências sociais e da história. In: CARRETERO, M. **Construir e ensinar as ciências sociais e a história**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

¹³ Ibid. p. 35

¹⁴ CARRETERO, M. Perspectivas disciplinares, cognitivas e didáticas no ensino das Ciências Sociais e da História. In: CARRETERO, M. **Construir e ensinar as ciências sociais e a história**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

¹⁵ POZO, J.I. A aprendizagem e o ensino de fatos e conceitos. In: COLL, C.; POZO, J.I.; SARABIA, B. e VALLS, E. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artes Médica, 1998.

¹⁶ MOREIRA, M.A. A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel. In: Moreira, M.A. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.